

CIDADE E TRABALHO: BELÉM EM MÚLTIPLAS VOZES.

VENIZE NAZARÉ RAMOS RODRIGUES¹

Neste texto procuramos captar as pulsações da cidade de Belém pelas vozes de diferentes pessoas que habitaram neste espaço e nele imprimiram suas marcas através das experiências do cotidiano que o viver urbano propicia. Nosso foco nesta multiplicidade de experiências que a pesquisa Memória de Belém em Histórias de Velhos² desvenda, é o mundo do trabalho, a partir dos rastros e testemunhos de pessoas comuns e anônimas que ao lutar pela sobrevivência na cidade, com ela construíram relações singulares nos diferentes tempos de suas vidas.

A metodologia da História Oral permitiu a constituição de fontes através das narrativas de idosos, moradores da Instituição Pão de Santo Antonio, asilo secular existente em Belém, tendo como referencia a década de 60 do século XX, porém no exercício da memorização observou-se que o tempo dos recordadores é marcado pela intensidade das experiências por eles vividas e não pelo tempo linear. Assim, nos meados do século XX constroem-se cenários das lembranças nos tempos identificados pelos idosos como “antigamente”³ A lembrança, afirma Bosi (BOSI,1994:55), “é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.” Então, por mais nítida a lembrança de fatos antigos, não é a mesma que nossos recordadores viveram, porque eles já não são os mesmos e seu passado é capturado com o olhar do presente, que retorna atualizado e recriado. É nesta perspectiva que a História Oral ao dar voz às pessoas como teia de construção do conhecimento histórico alarga este horizonte e

¹ Universidade do Estado do Pará, Historiadora e Mestre em Educação, Pesquisa financiada pela Universidade do Estado do Pará em edital específico.

² - Pesquisa Memória de Belém em Histórias de Velhos, realizada ao longo dos anos de 2004, pelo Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas- CUMA, Universidade do Estado do Pará com 10 idosos residentes na Instituição Pão de Santo Antonio, instituição secular da cidade, da qual este artigo é um desdobramento.

³ - “Antigamente” para Certeau: palavra que assume função mítica ao insistir no desaparecimento de um passado que não volta mais, carregado, porém de referências simbólicas. Nessa maneira de falar a esse respeito, o passado se torna a medida do tempo presente, sempre culpado de um *esquecimento* ou de uma morte. Ver CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 2- Morar, Cozinhar*. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 1994, p. 117.

permite melhor compreender o cotidiano onde se movimentam como protagonistas e não mero pano de fundo da explicação histórica. Paul Thompson (THOMPSON, 2002:44) destaca:

A História Oral é uma história constituída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isto alarga seu campo de ação. Admite heróis vendo-os não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade.

Assim, as memórias aqui consideradas desvendam a cidade possibilitando percebê-la pelas falas e vivências de sujeitos concretos que trabalharam e teceram relações na e com a cidade através de seus fazeres e saberes que os constroem e constroem igualmente os espaços tornando-os lugares de sociabilidades e vivências.

Ao longo dos séculos a cidade de Belém tem conservado o trabalho de rua como característica que lhe é peculiar. A rememoração do passado traz a lembrança do comércio em domicílio que era muito presente em Belém, mas que até hoje subsiste, nas margens do oficial, no espaço urbano da cidade. Carros de frutas oferecem diariamente bananas, melancias, laranjas, cupuaçus, bacuris e demais produtos da terra. O vendedor de camarão rosa e filé de pescada amarela anuncia diariamente a venda em sua bicicleta. É comum as pessoas, que trabalham em lugares distantes de suas moradias, alimentarem-se nos “restaurantes populares” que se instalam à revelia do poder público nas ruas, principalmente na área do comércio. Barracas de vendas de café com tapioca com todo tipo de recheio, açai⁴, tacacá⁵ e outras iguarias, fazem parte da paisagem urbana de Belém, desafiando o poder normatizador que vez por outra investe sobre este comércio, segundo as conveniências do calendário político.

Os vendedores ambulantes imprimiram em todos os tempos sua própria visibilidade na cidade. Letícia Pantoja (PANTOJA, 2009:2) registra a presença de trabalhadores de rua praticando os mais diferentes ofícios nas áreas nobres em Belém

⁴ - Açai: alimento muito importante na dieta dos habitantes do Pará, tipo de vinho extraído de uma palmeira, açazeiro, que abunda nas cercanias de Belém, Seu consumo remonta aos tempos pré colombianos, sendo hoje presente no mercado nacional.

⁵ - Tacacá: iguaria do Pará, de origem indígena, preparado com um caldo fino de cor amarelada chamado tucupi, sobre o qual se coloca goma, camarão e jambú e é servido muito quente, temperado com sal e pimenta em cuias.

dos inícios do século XX, no período que se convencionou chamar de Belle Èpoque paraense, onde se vivia o auge da produção da borracha. A disciplinarização do espaço aos interesses das elites ensejou então um rigoroso Código de Posturas⁶ que justificava toda sorte de abusos das autoridades contra estes trabalhadores, muitas vezes classificados como “ociosos” e “vagabundos.”. Ressalta a autora este contínuo vaivém dos trabalhadores pobres pelas principais vias da cidade, num movimento que traduz os múltiplos usos do espaço urbano:

Carregando tabuleiros sobre as cabeças, eles podem ser vistos no Ver-o-Peso, perambulando pela Praça da República, caminhando em direção à Estrada de Nazareth; empurrando seus carrinhos de mão, lotados de “gêneros” para venda, na Rua João Alfredo, na confluência com a Travessa São Matheus, bem no centro comercial da cidade; até mesmo estacionados nas esquinas das novas áreas urbanas, nas Avenidas Nazaré, canto com a Quintino Bocaiúva, próximo à residência do Barão de Guamá.

Ainda Leticia Pantoja (PANTOJA, 2002:7-12) situa outras categorias nestes cenários urbanos dos inícios do XX através das lavadeiras, aguadeiros, carroceiros, quitadeiras, garapeiros cujas presenças nas áreas centrais desabonavam o projeto civilizador “com paisagens desagradáveis e classificadas como primitivas”. As lavadeiras utilizavam fontes, chafarizes públicos e gramas das principais ruas e praças da cidade para lavar, coarar as roupas e secá-las nos varais, chegando até a obstruir passagens, o que ocasionava reclamações, denúncias, multas e até ameaça de apreensão das peças. Circulavam pelas ruas da cidade com suas trouxas nas cabeças numa rotina diária e penosa que ensejava a costura de relações com os mais diversos segmentos da população.

Passo a passo com outros ambulantes, as lavadeiras podem ser vistas andando com suas trouxas de roupas na cabeça, pela Avenida da República, pela Estrada da Independência em direção às ruas onde ficavam os palacetes da cidade. Tinham os mais variados clientes, estudantes, famílias de respeito e até mesmo, presidiários encarcerados na Cadeia de São José. (PANTOJA, 2002)

Neste complexo mundo do trabalho informal os aguadeiros e carroceiros eram representados. Os primeiros faziam a distribuição de água potável à população que

⁶ - Belém. Lei n. 276, 03 de julho de 1900. Institui o Código de Posturas Municipais.

carecia de um serviço público de distribuição de água para a cidade. Nos ombros, nas cabeças e nas carroças abasteciam as casas e o comércio, tanto nas avenidas como nos espaços mais periféricos, onde habitavam. Além da água, os carroceiros transportavam todo tipo de carga nas carroças puxadas por animais, objeto de constantes conflitos com os condutores de bonde e a fiscalização municipal pela disputa dos espaços das avenidas e estacionamentos.

A presença de trabalhadores pobres nas ruas revela, no entanto, a constante disputa pelos espaços da cidade e a resistência popular ao projeto hierarquizador de cidade que a reservava para alguns, sob a égide do intendente Antonio Lemos⁷ que reordenou e especializou os espaços de modo que atendesse o novo gosto da elite gomífera, que prosperou graças aos excedentes econômicos oriundos da exploração da borracha em sua fase áurea. A estética da cidade renovou-se com a pavimentação de ruas, construção de praças, saneamento, abertura de avenidas e boulevards, modernizou-se as áreas centrais da cidade ao mesmo tempo em que os desviantes do progresso - mendigos, órfãos e desamparados, eram segregados para além das áreas nobres.

Nas décadas que se seguiram à débacle da borracha a cartografia desigual de Belém, desenha diferentes formas de ocupação do espaço, caracterizando áreas funcionais distintas. Penteado, referência clássica no estudo da geografia urbana de Belém, identifica no período diversas zonas, nelas localizando bairros elegantes, bairros de classe média e bairros pobres e periféricos. (PENTEADO, 1968). Estes últimos apresentavam problemas básicos que se agravam até hoje na periferia da cidade, onde viveu a maioria dos narradores escutados.

Neste viés, informam a cidade dos meados do século XX, uma Belém mal tratada, inóspita e difícil de viver onde predomina o capinzal, os valões, áreas alagadiças, igarapés, lamaçal, ruas esburacadas, além das sempre presentes vacarias.⁸ Poucos eram os espaços bem servidos de estrutura básica de água e esgoto, asfalto e ainda de iluminação pública e calçamento. O ambiente inóspito e proliferador de

⁷ -Antonio Lemos esteve à frente da administração municipal de 1897 a 1912, é cultuado na memória como o grande arquiteto da cidade no período da belle époque paraense.

⁸ - Ver RODRIGUES, Venize Nazaré Ramos. Cidade Narrada: Memórias, Histórias, Representações, in Memórias de Belém de Antigamente, (org) Josebel Akel Fares. Belém, EDUEPA, 2010.

mosquitos faz lembrar a figura do “fura dedo” na cruzada de combate à malária, doença infecciosa com altos índices em Belem dos meados do século passado, transmitida por carapanãs. O trabalhador das Endemias Rurais saía às ruas nas noites para tirar amostras de sangue da população, causando pânico entre as crianças que amedrontadas escondiam-se por todo canto e eram literalmente caçadas pelas mães para o sacrifício de “furar o dedo.”

O ato de recordar faz reviver experiências que *retornam* ao tempo da juventude dos nossos narradores, em que tinham de lutar pela sobrevivência e possuíam as rédeas de suas vidas, na batalha pelo seu sustento e de outros que deles dependiam. Guardiões da memória, “o homem já afastado dos afazeres mais prementes do cotidiano se dá mais habitualmente à refacção do seu passado”, pois o “homem ativo (independentemente de sua idade) se ocupa menos em lembrar, exerce menos freqüentemente a atividade da memória” afirma Bosi. (BOSI, 1994:63)

A memória das pessoas escutadas aponta para as diversas formas de percepção dos espaços que revelam as diferentes formas de apropriação da cidade. Na cidade periférica e barulhenta, onde habitaram os narradores que ensejaram este artigo, os pregões dos vendedores se misturavam às conversas da gente da casa e da rua e à algazarra das brincadeiras das crianças que também faziam da rua uma extensão do lar, palco de suas aventuras e travessuras. Michel de Certeau os chama de “praticantes ordinários da cidade, caminhantes, pedestres, (que) jogam com espaços que não se vêem: tem dele um conhecimento tão cego como no corpo a corpo amoroso”. (CERTEAU, 1994:171, 202)

A rememoração traz assim a lembrança do comércio em domicílio em Belém, prática bastante desenvolvida pela inexistência de estabelecimentos comerciais retalhistas por toda a cidade. Edilza Fontes (FONTES,2001:213) que estudou a categoria dos padeiros em Belém do Pará entre 1940 e 1954 percebe a importância destes trabalhadores na construção da memória da cidade. O padeiro tanto fabricava o pão como o vendia para a sua freguesia certa, era um andarilho em Belém com seu balaio grande de vime:

Eu entregava o pão de madrugada (...) com cesto no ombro. Dava uma volta no comércio, na Quintino, descia a São Bras, dava a volta pela Rui

Barbosa(...) A única coisa que me dava medo era chegar em um pedaço de rua que não rinha luz devido fio quebrado. Os padeiros que distribuía pão no subúrbio eles iam e entravam naqueles lugares de igapó, aqueles matos, todos fazendo aquele serviço a mais, fazendo aquela freguesia por conta deles.⁹

Estes trabalhadores testemunham mudanças no processo de urbanização da cidade. Sobre o bairro da Condor, fazem referência às ruas como espaço da convivência e da solidariedade, à paisagem idílica dos açazeiros na beira do rio Guamá, aos peixes e camarões quando a orla ainda não tinha sido apropriada pelas madeiras, pelas indústrias da castanha e pelos hotéis que privatizaram o acesso ao rio. Ao mesmo tempo recordam a implantação da Companhia de Aviação do Condor que trouxe mudanças significativas no desenho do bairro. A ordem do prefeito foi derrubar as casas para contruir a avenida larga, pois o Estado para trazer benefícios ao bairro precisava que não atrapalhassem a “passagem do progresso”, daí “construímos as casas do lado de cá do igarapé, isso foi em 35 ou 34”. A construção de um campo de pouso para os hidroaviões Catalina motivou à construção da Praça Princesa Isabel e nova ordenação do espaço na Condor, onde a prefeitura abriu caminho para construir a Estrada Nova. (FONTES, 2002:208, 210)

O leiteiro vinha numa carroça, vendendo leite em porta em porta, ou então levava a vaca. Manhã bem cedinho os consumidores abriam suas portas e recolhiam as garrafas de leite para o desjejum. Este comércio era monopolizado pelos portugueses que segundo S. Dino¹⁰ eram proprietários de todos os ramos de comércio. “Português tinha quitanda, tinha café no Ver o Peso, tinha os boxes no mercado, tudo era deles: fruta, verdura. Isso tudo eram dos portugueses. Açai, venda de açai nas quitandas, um ou outro brasileiro que tinha assim no subúrbio”.

O leite de vaca vinha das vacarias, espécie de pequenas granjas muito comuns em Belém dos meados do XX que entrecortavam a cidade, conferindo-lhe um ar rural. Quase sempre situada em zonas alagadas destinavam-se ao cultivo de hortas e flores e principalmente à criação de gado, com extensa reserva de capim. O gado criado sem

⁹ - Salim Jorge Murad, padeiro, 54 anos. Entrevista concedida a Edilza Fontes em fevereiro de 1992.

¹⁰ - Osvaldino Ferreira de Oliveira, morador do Asilo Pão de Santo Antonio, seu primeiro emprego foi como jardineiro do Horto Municipal, ao lado do pai. Depois foi motorista de praça, em Belém e Rio de Janeiro. Entrevistado em 2004, projeto Memória de Belém em histórias de velhos.

muito cuidado, conferia um odor característico a essas áreas, o que não impedia que as famílias portuguesas quase sempre proprietárias destes estabelecimentos, residissem nestes locais, no andar de cima. Fazem parte também da memória das pessoas ouvidas.

Tinha vacaria na Avenida Ceará, tinha na Conselheiro também. A maioria dos terrenos eram por ali, por exemplo, ali na Conselheiro com Alcindo Cacela até a outra rua da Pariquis.¹¹

Tinha uma vacaria muito grande numa baixada, no bairro do Reduto, numa baixada parece que era na Quintino, que era também de amigos do meu pai, de onde vinha leite quentinho pra nós.¹²

Tinha uma vacaria passando a Augusto Correa com a passagem Tucunduba, tinha a vacaria lá na Lomas, outra na Almirante Tamandaré com a São Francisco, tinha no Jurunas, que eu não me lembro muito..¹³

O consumo do leite industrializado contribuiu para o esvaziamento das áreas ocupadas pelas vacarias, que aterradas, foram divididas em lotes e colocadas à venda. Restou à população de baixa renda apropriar-se de terrenos públicos nas áreas conhecidas como “baixadas”, com dificuldades de água, luz, esgoto, transporte, onde os terrenos do Estado sugeriam ocupação e posse, pois a privatização do solo urbano ainda não estava em fase acelerada. A falta de infra estrutura destes espaços, resulta nos anos 80 em vigorosas mobilizações populares pelo “Direito de Morar”, cujas bandeiras de luta reivindicam condições dignas de moradia com acesso pleno aos serviços básicos e ausentes naqueles espaços periféricos, onde os bairros são espaços de ação política.

O mundo dinâmico do trabalho com suas peculiaridades, seus instrumentos, suas práticas e seu ritual são percebidos na fala de D. Maria José¹⁴ levando-nos a

¹¹ - Osvaldino Ferreira de Oliveira, entrevista 2004.

¹² - Florinda Bastos da Cunha, nascida em 1916, moradora do Asilo Pão de Santo Antonio, era de família de “alta sociedade”, pessoa alegre, culta, quando lembra que não pode ler mais, fica muito triste e considera este fato o pior castigo que poderia lhe acontecer. Entrevistada em 2004, projeto Memória de Belém em histórias de velhos.

¹³ - José Sales, nascido em 1934, morador do Asilo Pão de Santo Antonio, homem forte, bonito que possui uma excelente memória, conta tudo nos mínimos detalhes, diz o nome sobrenome das pessoas. Orgulha-se de ter sido guarda de trânsito, e ai de quem o chamasse de sinaleiro... Era um boêmio, curtiu muito sua juventude, ia a festa, sempre gostou de dançar e paquerar muito e na sua velhice se sente muito só. Entrevistado em 2004, projeto Memória de Belém em histórias de Velhos.

¹⁴ - Maria José Amaral, nascida em 1927, não teve infância, perdeu a mãe muito cedo e se viu na necessidade de morar na casa de uma família, onde perdeu toda a liberdade e alegria. Hoje, na sua velhice sente uma grande necessidade de falar, contar sua história com detalhes. É uma enfermeira das plantas, cuida das mesmas com cuidado. Moradora do Asilo Pão de Santo Antonio, entrevistada em 2004, projeto Memória de Belém em histórias de velhos.

perceber como nas casas, as pessoas estavam atentas ao movimento das ruas a fim de não perderem a oportunidade das compras e do abastecimento necessário pra o dia a dia. Leite, pão, gelo, carne, peixe eram comprados na porta da casa, reafirma:

De tarde era a matança do boi no Curro, ai a carne era vendida em carros de mão, com a balança. O vendedor pendurava os pesos na balança e botava tudo em cima para conferir os quilos. O padeiro vendia o pão naquela cesta grande de cipó. Um dia vinha o pão cacete, o japonês passava com uma cesta vendendo pão lulu, aquele pão massa fina em feitio de violão. Eles passavam cantando, olha o pão lulu, outro passava olha o pão bem torrado, quem quiser passar bem vem comprar no Mandorim, tudo isso eles cantavam vendendo na rua. Numa véspera do Círio, passou um homem com o paneiro quase cheio de peixe, esses peixinhos que tem a escama que brilha, parece prata, o homem passava correndo com aquele paneiro, *olha o peixe baratinho, olha o peixe baratinho.*

Tinha o geleiro, com umas carroças fechadas onde o gelo vendido era conservado em serragem de madeira, a mingauzeira, que lá pelas sete da noite gritava: mingau, mingau de milho de arroz, com uma lamparina na frente do carrinho; os fruteiros pela manhã; os peixeiros e os tapioqueiros. Também os chamados “prestação”, turcos e libaneses, que vendiam agulhas, panos e linhas. Ao se ler o romance Belém do Grão Pará de Dalcídio Jurandir (JURANDIR,1960:187) é possível visualizar este movimento cotidiano na Avenida Nazaré, rua nobre de Belém, onde se cruzavam “os caixeiros das melhores lojas com as finas mercadorias, os carros de fon-fon e modernos sons de buzina; as criadas barbadianas; os jornais trazidos;(…) e as domésticas trazendo das padarias os assados de forno”.

Em suas memórias estes espaços tornam-se cenários onde trabalhadores apoderam-se familiarmente da cidade numa polifonia de sons, visualidades, odores e sabores, reiterando a rua como lugar de todos em suas práticas de trabalho. É constante nas falas as referências às ruas como espaço da convivência, da solidariedade, onde não havia violência, as casas não tinham grade e as portas ficavam abertas, rua como extensão da casa, como espaço de vender, de brincar, de conversar.

Terezinha Manfredo¹⁵ recorda que *às 11 horas da manhã começava a viração da carne, era vendida por um preço mais barato nas ruas, pois não tinha como conservá-la para o dia seguinte.* A salga era uma prática cotidiana na ausência da geladeira, que

¹⁵ - Terezinha de Jesus Manfredo Silva, nascida em 1930, Acostumada a freqüentar programações da classe alta, é encantada por ópera. Aprecia uma boa conversa, é contadora de histórias. Agradece a Deus por seu bem-estar no Pão e pelos amigos que lá possui. Moradora do Asilo Pão de Santo Antonio, entrevistada em 2004, projeto Memória de Belém em histórias de velhos.

poucas pessoas possuíam. O mais comum era a compra do gelo, *naquele tempo tinha depósito pra botar gelo*. O som que se anunciava era o agudo do toque de um triângulo de ferro. Era a senha para a promoção da carne. Então Terezinha fazia as contas: “no tempo dos réis 50, 5 vinténs pra formar um tostão, cinco cruzados, 2.000 réis, ainda era de prata, nessa época era chamado tudo assim.”

O bucheiro vinha pela tarde com um carro de mão onde vendia as vísceras adquiridas na madrugada, coração, fígado, bobó, bucho.

Bucheiro, bucheiro..., cantarola Terezinha.

Eles iam vender muita coisa, até vísceras eles vendiam nas portas da casa, 5 horas, 5:30 horas da tarde, tava pintando, lá vinha o carrinho, um homem com vísceras pra vender e tudo era assim, até galinha mesmo eles vendiam pela porta, tudo, o carvão era deixado na porta também.

A memória afetiva dos narradores situa as múltiplas formas de convivência na cidade, onde os vendedores estabeleciam relações de sociabilidade com sua clientela. Mesmo que as interações não se processassem de forma tão harmoniosa, estas práticas são evocadas pelo tom da solidariedade e confiança que extrapola a uma mera relação de compra e vendas baseadas na cooperação, solidariedade e confiança, onde “se anotavam as dívidas e no final do mês pagava-se tudo direitinho”. Pela fala de D. Florinda¹⁶ percebe-se a dimensão desta sociabilidade:

Eram deixados nas portas das casas o pão nas sacolas e o leite nas garrafas, ninguém mexia. A relação de compra e venda baseava-se na confiança, pois o vendedor anotava as vendas e no fim do mês a pessoa ia e pagava, tinha gente que ficava devendo uma pontinha pra pagar no outro, conforme as condições, tudo no caderno. Na Avenida Portugal as pessoas pegavam o jornal e deixava o dinheiro em cima. Às vezes o cara tinha saído, quando ele vinha, pegava, ninguém mexia.

Pelas ruas da cidade, os carvoeiros tinham lugar certo nas vendas, pois se cozinhava em fogão de lenha, de carvão e de querosene. D. Joana¹⁷ era empregada doméstica, evoca o fogão a carvão, “com aquelas bocas na chapa tipo uma construção

¹⁶ -Florinda Bastos, 2004.

¹⁷ Joana Graça da Conceição do Espírito Santo, nascida em 1937. Originada de São Domingos do Capim, veio para Belém aos dezesseis anos. Trabalhou em várias casas como doméstica. Após o casamento, dedicou-se totalmente ao lar, às filhas e ao marido, fala sobre o abandono com que foi tratada. É evangélica e dedica-se à costura no Pão de Santo Antônio. Comenta estar satisfeita com o ambiente amigável do asilo, gosta das companhias, mas não esquece de enfatizar sua principal companheira: a máquina de costura. Moradora do Asilo Pão de Santo Antonio, entrevistada em 2004, projeto Memória de Belém em histórias de velhos.

de tijolo de um lado e de outro, agora em cima colocava aquelas chapas, tinha várias bocas de todo o tamanho, tamanho de todas as painéis”. O carvão também era o combustível dos ferros de passar, pesados, que as pessoas sopravam para reavivar as brasas e esquentar o suficiente para engomar as trabalhosas peças do vestuário. As folhas de bananeira os faziam ficar lisinhos e deslizarem nas roupas. D. Joana diz que nas casas em que trabalhava usavam-se ferros de carvão, mas na casa das pessoas ricas já usavam ferro elétrico. “Os ternos brancos impecáveis, as anáguas, todas na goma, precisavam muita atenção, pois qualquer fagulha estragava o trabalho e botava tudo a perder”.

São as experiências do trabalho *porta a dentro*, na dura rotina doméstica, tão bem estudadas por Matos¹⁸ e que D. Terezinha Manfredo¹⁹ recorda: um ferro de ferro mesmo, pesado, muito pesado, colocava o carvão dentro, colocava qualquer coisa ali, uma gasolina, um álcool, qualquer coisa assim, soprava e pegava, mas era muito pesado aquele ferro pra passar na roupa, muito trabalho.

Nesta mesma perspectiva D. Maria José conta de sua infância pobre e como ao se tornar órfã foi precocemente transformada em empregada ou escrava doméstica, sujeita a toda sorte de violência, ofícios que deixaram cicatrizes profundas em sua trajetória de vida. A saga de Maria José inicia com a morte de sua mãe que trabalhava numa lida extenuante para criar os filhos.

Ela se sacrificava na quina de mandioca, ralava pro tacacazeiro, abaixada, pra poder ganhar dinheiro pra dar comida pro filhos pra criar os filhos, engomava no tempo de ferro era aqueles fatos naquele tempo não se chamava terno, era fatos de brim que engomava, só ficava em casa quando ela pegava uma lavagem de roupa.²⁰

Aos nove anos entrou como interna no Colégio Santo Antonio de onde saiu aos 16 para trabalhar na casa da mesma família que lhe arranhou a vaga. O mundo da exploração presente ainda em relações de trabalho que roubam oportunidades de vida a crianças e adolescentes pobres, costume de um passado recente onde famílias da cidade

¹⁸ - MATOS, 2002, p. 115 a 169.

¹⁹ - Terezinha de Jesus Manfredo Silva, entrevista 2004.

²⁰ - Maria José Amaral, entrevista 2004.

abrigavam meninas do interior na promessa de estudos e oportunidades que a vida dos pais pobres não poderia propiciar.

Eu fui pra casa dessa família, trabalhava que só uma escrava quando faltava empregada, eu tapava buraco da lavadeira, da cozinheira, eu tapava o buraco delas, e tinha duas meninas pequenas que era neta do dono da casa, eu que lavava a roupa delas ,que era separa da roupa grande.Eu lavava e passava com ferro aquele bando de roupa cheia de babado de folinho, tudo aquilo tinha que ser bem passado e eu passava todinho.

Recorda depois as profissões que exerceu como costureira de calçado e caixa. Trabalhou muito neste ofício, porém “saiu com a mão na frente e outra atrás, não fui indenizada, ai eu andei porta em porta nas fabricas de calçados porque eu tinha que procurar serviço que era a minha profissão não encontrei vaga, não tinha vaga em lugar nenhum.” Apos um ano desempregada voltou a trabalhar para o mesmo patrão numa panificadora e confeitaria.

A profissão do S. Sales lhe permitiu não só integrar-se com a cidade como também atentar para as particularidades de nela transitar, pois foi sinaleiro, atual guarda de trânsito. Antes deste ofício, foi motorista de ônibus e de carro de praça, portanto suas memórias reconstroem uma Belém que a ele se fez conhecer em sua diversidade, seja de lugares, seja na complexidade de tipos humanos que a habitam ou mesmo na aspereza do seu fazer onde a tecnologia ainda não era aliada no controle do tráfego citadino.

.Eu trabalhava lá perto do Manoel Pinto, trabalhava ali na Avenida Portugal com a 15 de novembro. Nessa Almirante Barroso, eu trabalhava com quatro pontos, tinha quatro pontos eu trabalhei em todos eles. Não tinha um sinal automático, era só no braço, tinha uma sinaleta que a gente dava sinal né,. Se chovesse a gente tinha direito de sair à procura de abrigozinho, e ai os que não tinham capa,... tinha uns que nem capa podiam ter.²¹

Os lugares são revisitados nas falas, a cartografia afetiva remete para espaços por onde transitavam, compravam e se divertiam, alguns profundamente modificados pela ação urbanística que lhes destinou outras configurações, compondo nos fragmentos da lembrança, uma memória social da cidade, que remete à compreensão da cidade como produto da experiência individual e coletiva. Segundo Matos,(MATOS, 2002:35), cidade como “lugar para se rezar, trabalhar, observar, divertir”

²¹ - José Sales, entrevistado em 2004.

Lugares de referencia de uma Belém do passado, onde “rua, praça, bairro, percursos, estão plenos de lembranças, experiências e memórias, tal a Confeitaria Palmeira, que demolida, causa ainda hoje comoção na cidade com a perda deste formidável patrimônio, o Café Albano, *onde se reunia os políticos*, o Armazém Ferreira Gomes, a Western, onde se passava telegramas. Espaços que adquirem forma na lembrança dos recordadores, assim como determinadas profissões que a tecnologia fez superar no tempo.

Nestas memórias inclui-se o bairro do Reduto, lembrado por suas *fábricas cor de rosa* na lembrança de S. Dino²², hoje se torna um bairro gastronômico e de serviços. Redesenha-se o mapa geoeconômico, mas o afetivo revitaliza os espaços rememorados, transformando-os em espaço de vivências. Os gestos apontam para uma direção “onde tinha um bar ali na Vinte e Oito de setembro, onde tinha a antiga Ferreira Gomes, no Igarapé do Reduto. Lá o comércio todo era nas casas de altos”. Com o processo de urbanização muitas áreas foram aterradas, transformadas e destinadas a outras funções, algumas residenciais, outras cedendo lugar aos Shoppings Centers.

A urbanização aterrou o Igarapé do Reduto e o intenso comércio abastecido pelas canoas que cruzaram o igarapé é lembrado em imagens de cartões postais que “fazem de cidade uma imensa memória em que prolifera a poética”, onde “as práticas dos habitantes criam no próprio espaço urbano uma multitude de combinações possíveis entre lugares antigos (segredos de que infâncias ou de que mortes?) e situações novas,” como cita Michel de Certeau.(CERTEAU, 2007:14,15)

Algumas imagens são recorrentes, a do Ver- O- Peso *como lugar de fartura*. A mais antiga e movimentada feira livre de Belém é símbolo da cidade e ponto turístico e que até hoje representa uma amostra do universo que compõem a cultura amazônica. Pelo rio Guamá barcos e canoas chegam ao porto da baía de Guajará, quando o dia ainda não amanheceu e em terra firme os trabalhadores ficam à espreita para abastecer as barraquinhas de peixes, frutas, ervas, camarão e demais produtos da terra.

²² - Osvaldino Ferreira de Oliveira, entrevista 2004.

Neste conjunto de experiências que os recordadores reviveram percebe-se que as práticas do espaço tecem, com efeito, as condições determinantes da vida social e as marcas identitárias das pessoas, permitindo assim aflorar a cadeia de diálogos com as diferentes dimensões que compõe o viver na cidade e as diversas percepções sobre esta realidade. Por estas práticas cotidianas o espaço se transforma em *lugar*, ou seja, portador de um significado e de uma memória, lugar do homem e obra coletiva que é impensável no individual, como quer Pesavento (PESAVENTO, 2007) ao expressar:

A cidade é também *sociabilidade*: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo. A cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção do ‘habitar’, e essas características a tornam indissociavelmente ligada ao sentido do ‘humano,(...)’ cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais.

Por fim pontuamos que os recordadores cujos fragmentos de memória permitiram este texto, são também trabalhadores no sentido atribuído por Bosi (BOSI, 1994:20,21) ao afirmar que “lembrar não é reviver, mas re-fazer, a compreensão do agora a partir do outrora, é sentimento, reparação do feito e do ido, não sua mera repetição”. Assim, há muitas formas de se compreender o poder da memória, construída de acordo com os interesses que os grupos sociais fazem das recordações. Le Goff (LE GOFF, 2001)²³ sinaliza para este poder quando recomenda em texto canônico que “devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”.

REFERENCIAS.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1- Artes de Fazer*. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 1994.

_____. Giard, Luce. Mayol, Pierre. *A Invenção do Cotidiano. 2- Morar e Cozinhar*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

FARES, Josebel Akel (org) *Memórias da Belém de Antigamente*. Belém: EDUEPA, 2010.

²³ - LE GOFF, J. *História e Memória*. 5ª. Edição- Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003

FONTES, Edilza. Joana de Oliveira. *O pão nosso de cada dia: trabalhadores e indústrias da panificação e a legislação trabalhista (Belém 1940-1954)*, Belém: Paka-Tatu, 2002. P.213

JURANDIR, Dalcídio. *Belém do Grão Pará*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1960.

LE GOFF, J. *História e Memória*. 5ª. Edição- Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho*. Bauru, S. Paulo, EDUSC, 2002.

PANTOJA, Leticia Souto. *Ilusão de Ótica: Fotografia e Cidade na Amazônia (1890 – 1910)*. Revista História e-História, parte II, 2009.

PENTEADO, Antonio Rocha. *Belém, Estudo de Geografia Urbana*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1968.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Abertura*. Revista Brasileira de História, São Paulo: vol. 27, nº 53 junho de 2007.

RODRIGUES, Venize Nazaré Ramos. *Cidade Narrada: Memórias, Histórias e Representações*. In FARES, Josebel Akel. (org). *Memórias de Belém de Antigamente*. Belém, EDUEPA, 2010.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: Riquezas Produzindo a Belle – Época (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2000.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

DEPOIMENTOS

Florinda Bastos da Cunha. Entrevista Projeto Memória de Belém em Histórias de Velhos, 2004.

Joana Graça do Espírito Santo. Entrevista Projeto Memória de Belém em Histórias de Velhos, 2004.

José Sales. Entrevista Projeto Memória de Belém em Histórias de Velhos, 2004.

Maria José Amaral. Entrevista Projeto Memória de Belém em Histórias de Velhos, 2004.

Osvaldino Ferreira de Oliveira. Entrevista Projeto Memória de Belém em Histórias de Velhos, 2004.

Salim Jorge Murad, padeiro, Entrevista concedida a Edilza Fontes em fevereiro de 1992.

Terezinha de Jesus Manfredo Silva. Entrevista Projeto Memória de Belém em Histórias de Velhos, 2004